

Religião, política e pandemia

Religion, politics and the pandemic

Kamisson Danyel de Azevedo Silva*

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.1-16>

PIEPER, Frederico; MENDES, Danilo (org.). *Religiões em tempo de crise*. São Bernardo do Campo: Ambigrama, 2020. 108 p. Disponível em: https://www2.ufjf.br/ppcir/wpcontent/uploads/sites/145/2020/09/Religiao_em_tempos_de_Crise-livro-final.

Em 2020 o mundo viu surgir, se espalhar e devastar rapidamente a pandemia da Covid-19. Sua origem, cura, tratamento eficaz e meios profiláticos ainda são incertos. De forma repentina as rotinas foram alteradas. O uso de máscaras e constante higienização das mãos, seja com água e sabão, ou com o, hoje inseparável, álcool em gel, passaram a fazer parte de nossos cuidados rotineiros. Até mesmo o aperto de mão ou saudações mais afetuosas, como os calorosos abraços, sempre acompanhadas pelos dois beijinhos, tão comuns a nós brasileiros, foram deixadas de lado. Em março de 2020, obedecendo às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), em meio a uma forte disputa política em nosso país, muitos governadores e prefeitos decretaram isolamento social e até *lockdown* em seus respectivos estados e municípios. Tal medida se justifica visando evitar o colapso do já tão frágil sistema de saúde. Indústrias, comércio, serviços, instituições de ensino tiveram que fechar suas portas. Hora de se reinventar. Buscar uma maneira de “fugir” do isolamento social, cuidando da saúde, não se colocando em risco de contágio e, de certa forma, protegendo a todos.

Dentro dessa nova realidade que a pandemia nos impunha, o grupo de pesquisa Estudo em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, valendo-se das tecnologias, criou o *Religando: Curso de extensão da quarentena*. É desse projeto

* Graduado em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: kamisson@gmail.com.

que nasce o livro *Religião em tempos de crise*, organizado por Frederico Pieper e Danilo Mendes.

O livro é composto por quatro capítulos, escritos por autores diferentes, que não precisam ser lidos em sequência, deixando o leitor à vontade para escolher por qual capítulo dar início a leitura da obra, pois um não depende do outro para ser compreendido. No primeiro capítulo, assinado pelos organizadores, é apresentado e debatido o tema *Religião e necropolítica*, alicerçados no termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, necropolítica, os autores refletem sobre as medidas adotadas pelos governantes, refletindo sobre algumas falas e atitudes por eles assumidas, colocando (ou permitindo) que algumas classes sociais estejam mais propensas a morte que outras. Entre as justificativas para as ações que avalizam a necropolítica se insere, também, a religião, corroborando com a “dicotomia nós e eles” (p. 18). Segregação capaz de tornar não apenas aceitável, mas cotidiana a união de grupos que se formam não “a partir da identificação de projetos comuns, mas a partir do medo e do ódio a um inimigo comum” (p. 14).

Neste capítulo encontramos ainda dois termos, que seriam derivados da necropolítica: necroteologia e necroreligião. São as definições utilizadas pelos autores para explicar essa intrínseca relação. A primeira se apresenta quando “a religião também serve como sustentação mitológica da lógica necropolítica” (p. 31) e, a segunda quando a religião age em defesa de opressores, sejam esses, pessoas, instituições ou políticas, dizimando através da prática religiosa imposta memórias e crenças. O texto tem por finalidade apresentar a forma como religião e necropolítica se articulam, evidenciando essa realidade no Brasil, buscando fazer conhecer, para, só assim, poder denunciar.

Pentecostalismo, política e conservadorismo é o tema do segundo capítulo, das autoras Elisa Rodrigues e Ana Gouvêa. A laicidade dos poderes públicos aqui é fortemente questionada, e as autoras buscam na teologia e na origem do pentecostalismo as explicações para como esse conservadorismo se fez tão presente na política, não só a nível nacional. Os Estados Unidos, com o forte apoio dos pentecostais à eleição e, conseqüentemente, ao governo de Donald Trump, também é apresentado. A forma como a “moral evangélica” pauta decisões importantes na política nacional, e a dicotomia “filhos da luz” x “filhos das trevas”, também são amplamente discutidos neste capítulo. As autoras evidenciam a maneira como temas defendidos por grupos pentecostais conservadores se assemelham ou, co-

mo elas definem, “caminham de mãos dadas com aqueles que defendem o liberalismo econômico” (p. 56).

Edson Almeida e Gustavo Martins, no terceiro capítulo, nos levam a conhecer ou, para os que já o conhecem, proporcionam uma nova maneira de compreender o “singular pensamento” do psicanalista, teólogo, educador, pastor e escritor Rubem Alves. O título, *Variações sobre Rubem Alves*, é uma paráfrase de um livro do próprio Rubem, o *Variações sobre o Prazer*. Os autores subdividem o capítulo em três partes e em cada uma evidenciam uma face do gênio. Primeiro, o teólogo. Apresentam o início dos estudos no Seminário Presbiteriano do Sul, sob a forte influência sofrida do professor Richard Shaull, e como as mudanças no estudo teológico entre os séculos XIX e XX impactaram a teologia de Rubem Alves.

Segundo o cientista da religião, com sua forma suave de escrita e sua pedagogia reflexiva. Tão saborosa quanto os morangos frescos, como diria o próprio Rubem. Encerrando as multifaces de Rubem Alves, o *teopoeta*. Aquele que fez da imaginação o eixo de sua teologia. Entretanto, é oportuno colocar que o capítulo destoa do contexto da obra. Não apresenta, ao contrário dos demais, uma conexão direta com o contexto pandêmico, que serviu de alicerce aos temas abordados no projeto. Por fim, *Espiritualidade em tempos de pandemia* encerra a obra. Esse capítulo apresenta como, em meio a momentos difíceis, a espiritualidade tanto serve de conforto ao seu enfrentamento, como pode influenciar negativamente. Tornando-se uma “barreira” que fomenta discursos negacionistas.

Os autores, Cláudio Ribeiro e André Abijaudi discutem o que é espiritualidade e apresentam um prognóstico de como ela se desenvolverá dentro do processo pandêmico. *Religiões em tempo de crise* destaca-se como uma obra atual, clara, fluida e perspicaz. Os autores não se descuidam do referencial teórico, fazendo uso de comparativos e citações, atrelando ao texto não apenas suas opiniões, mas, de forma segura, apresentam reflexões que, ao leitor, servem de janela para observar mais além. É um convite a se debruçar de maneira mais atenta sobre a ciência das religiões e perceber como a religião, perpassando os altares e os muros dos templos, está totalmente inserida em nossos dias.

Recebida em 12/02/2021

Aceita para publicação em 10/03/2021